

## "O LIVRO DE JÓ"

**Carlos Euclides Marques**

Mestrando em Teoria Literária, UFSC

Nestes breves apontamentos, partimos da leitura do texto dramático de Luis Alberto de Abreu e do texto bíblico de *Jó*, do qual o primeiro é uma adaptação, para fazer uma reflexão acerca das diferenças dos dois textos e do quanto estas engendram possibilidades interpretativas, seja quanto à textualidade, seja quanto à temática: o sofrimento do justo. Esta temática leva-nos a fazer uma aproximação com a tragédia grega e seu espírito o *páthei máthos*<sup>1</sup>. Evidentemente, esta aproximação tem uma série de perigos, contudo, questões como: a efemeridade humana, a humanidade, a divindade e a textualidade dramática instigam a nossa audácia.

Como referência do texto bíblico tomamos a *Bíblia Sagrada*, tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico, revista pelo Frei João José Pedreira de Castro, O. F. M., e pela equipe auxiliar da Editora Ave-Maria. Nesta encontramos uma *Introdução* ao Antigo Testamento com um pequeno resumo comentado do *Livro de Jó*, que abaixo transcrevemos para começar a nossa costura:

O livro de Jó é uma composição literária estreitamente aparentada com o gênero dramático, cuja ação nos é apresentada numa introdução e numa conclusão em prosa que enquadram um logo poema dialogado.

O autor, aliás desconhecido, situa sua composição no 5º século

a.C., em lugares e em situações assaz imprecisas. O personagem de Jó era, para os antigos israelitas, uma figura-tipo do justo sofredor. O assunto do poema é o problema do sofrimento. Três amigos (aos quais mais tarde se ajunta um quarto) apresentam-se a Jó para consolá-lo em suas desgraças: — inopinadamente ele se vira privado de todos os seus bens, de seus próprios filhos, e, ao mesmo tempo, atingido em sua própria saúde. Os amigos de Jó apresentam as idéias correntes em Israel: o sofrimento é um castigo; todo homem é pecador; apenas porém, com uma idéia nova, a missão educativa e purificadora do sofrimento. O problema, embora ventilado de todos os lados, permanece sem solução. As piedosas e inofensivas consolações que os amigos propõem ao patriarca em seus sofrimentos, Jó responde com uma afirmação de sua inocência com um apelo incessante a Deus, do qual sabe perfeitamente que procedem as suas provações. Então, Deus mesmo entra em cena: respondendo a Jó, reconhecendo que ele é um justo, mas que não procedeu com bastante retidão, pretendendo perscrutar os desígnios de Deus. Ao homem toca humilhar-se com paciência e esperança na sua presença, sem querer desvendar os planos misteriosos do Criador. Portanto, o problema do sofrimento não é resolvido totalmente. Cumpriria ao homem a satisfatória solução que lhe seria dada pela voluntária paixão e morte de Jesus Cristo; só então é que a mente humana poderia descobrir o sentido divino e eterno do sofrimento e tirar dele não só a conformidade com os decretos divinos, mas ainda a verdadeira paz e as consolações celestiais<sup>2</sup>.

Logo no começo, temos uma diferença entre o texto adaptado e o bíblico. Luis Alberto de Abreu faz uma alusão ao deserto, o que poderia levar a uma interpretação geográfica de que a história se passou no deserto, destoando do texto bíblico, o que não precisa o lugar da ação. *O autor, aliás desconhecido, situa sua composição no 5º século a.C., em lugares e em situações assaz imprecisas*<sup>3</sup>. No entanto, essa primeira impressão pode dar lugar a um sentido figurado e, o deserto, seria então a situação angustiante do homem mediante a tentativa de explicar sua *condição no mundo*, seu *ser no mundo*. Questão acentuada em função do sofrimento: *situação limite*; da qual Jó é a representação metonímica, levada às últimas, pois o sofredor é um justo. Um tema teológico-moral. Neste prólogo da adaptação vemos, ainda, a morte de Deus:

#### MESTRE

E foi neste deserto que ocorreu o drama de um tempo ido  
E de homens tão parecidos com os homens de agora  
Andou pelo mundo outrora um homem chamado Jó  
Deus, na aurora dos tempos, ainda não estava morto  
como acontece agora  
E Jó caminhava na senda de Deus  
que não era morto  
E era o único ser que o justo Jó temia<sup>4</sup>.

Qual o significado da morte de Deus? Tomemos um paralelo com a interpretação da célebre obra de Nietzsche, *Assim Falou Zaratustra*, onde encontramos esta fala de Zaratustra:

Mas, quando ficou só, Zaratustra falou assim ao seu próprio coração: "Será possível? Esse velho santo, em sua floresta, ainda não soube que *Deus está morto!*"<sup>5</sup>

Temos, aqui, a metáfora do esgotamento da tradição, de uma cultura fundamentalmente judaico-cristã, da qual Nietzsche foi um grande crítico. O que é a cultura senão um paradigma, um constructo a partir do qual estabelecemos nossa visão de mundo, nosso cosmos — palavra interessante, pois dela obtemos cosmológico. O que na realidade é a nossa visão de mundo? Um arranjo para que o mundo não fique sem significação, arranjo este que não me assegura que o mundo seja, verdadeiramente, o que eu faço dele.

Qual o princípio fundamental do texto bíblico? A irrefutável existência de Deus. Esta seria a resposta. Já o texto adaptado coloca a possibilidade de negação deste Deus, pelo menos para contemporaneidade. Nele o narrador se coloca no presente, embora conte uma ação passada. As marcas textuais para tanto são:

1. para o tempo da história (passado): E foi neste deserto que ocorreu o drama de um tempo ido; Andou pelo mundo outrora um homem (...); Deus, na aurora dos tempos, ainda não estava morto; E Jó caminhava na senda de Deus;
2. para o tempo do narrador (presente): *E de homens tão parecidos com os homens de agora; (...) como acontece agora(...)*<sup>6</sup>.

No texto bíblico, a narrativa está em um tempo mítico (o tempo primordial ao qual podemos voltar através da presentificação da narrativa).

Para entendermos melhor a questão do tempo mítico, tomemos uma fala de Mircea Eliade:

“Viver” os mitos implica, pois, uma experiência verdadeiramente “religiosa”, pois ela se distingue da experiência ordinária da vida cotidiana. A “religiosidade” dessa experiência deve-se ao fato de que, ao realizar os eventos fabulosos, exaltantes, significativos, assiste-se novamente às obras criadoras dos Entes Sobrenaturais. Não se trata de uma comemoração dos eventos míticos mas de sua reiteração. O indivíduo evoca a presença dos personagens dos mitos e torna-se contemporâneo deles. Isso implica igualmente que ele deixa de ser no tempo cronológico, passando a viver no Tempo primordial, no Tempo em que o evento *teve lugar pela primeira vez*. É por isso que se pode falar no “tempo forte” do mito: é o Tempo prodigioso, “sagrado”, em que algo de *novo*, de *forte* e de *significativo* se manifestou plenamente. Reviver esse tempo, reintegrá-lo o mais freqüentemente possível, assistir novamente ao espetáculo das obras divinas, reencontrar os Entes Sobrenaturais e reaprender sua lição criadora é o desejo que se pode ler como filigrana em todas as reiteraões rituais dos mitos. Em suma, os mitos revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenaturais, e que essa história é significativa, preciosa e exemplar<sup>7</sup>.

Embora possamos dizer que Jó não é um *Ente Sobrenatural*; trata-se de uma figura-exemplo, um modelo. Sua dúvida é uma dúvida primordial. Além do mais, Deus aparece no texto bíblico, o que não fica bem claro no texto adaptado, questionando Jó quanto à sua dúvida:

- 1 Então, do seio da tempestade, o Senhor  
deu a Jó esta resposta:
- 2 Quem é aquele que obscurece assim a  
Providência com discursos sem inteligência?
- 3 Cinge os teus rins como um homem;  
vou interrogar-te e tu responderás.
- 4 Onde estavas quando lancei os fundamentos da terra?  
Fala, se estiveres informado disso.
- 5 Quem lhe tomou as medidas , já que o sabes?  
Quem sobre ela estendeu o cordel?
- 6 Sobre que repousam as suas bases?  
Quem colocou nela a pedra de ângulo,
- 7 sob os alegres concertos dos astros da manhã,  
sob as aclamações de todos os filhos de Deus?
- 8 Quem fechou com portas o mar,  
quando brotou do seio maternal,
- 9 quando lhe dei as nuvens por vestimenta,  
e o enfaixava com névoas tenebrosas;
- 10 quando lhe tracei limites,  
e lhe pus ferrolhos,
- 11 dizendo: "Chegarás até aqui, não irás mais longe;  
aqui se deterá o orgulho de tuas ondas"?<sup>8</sup>

Através de uma série de perguntas, Deus, um *Ente Sobrenatural*, mostra que é ele o criador de tudo e, como superior, não deve ser questionado.

A presentificação de Deus marca este reiterar do tempo primordial.

Nestes tempos de pós-modernidade, apresentam-se: ausência de horizontes, ecletismo (que por vezes beira o “vale tudo”), anarquismo epistemológico, niilismo, entre outros sintomas. Essa situação, que aponta para a ausência de Deus, leva o homem a pensar sua *situação-no-mundo* como uma condição absurda e seu *Ser* como um *sempre- sendo*, um sem-fundamento a não ser seu *auto-fundamentar-se*, que por sua vez é uma construção ilusória — a ilusão necessária — é o *apolíneo* diluído no *dionísíaco*. E assim, mediante uma das maiores catástrofes de nossos dias, a AIDS, o homem se questiona quanto ao seu próprio fazer, pois se é ele mesmo Deus, ou seja, o fundamento (ou fundamentador) do mundo, a questão é: qual a minha contribuição para o estado das coisas. Na verdade, pensamos em: *qual a minha culpa?* Mas esta palavra — culpa — está carregada de um preenchimento cristão que, por sua vez, repõe a tradição e cria uma névoa para o pensar hodierno, fundado no ser humano e não no divino. O divino aqui pode ser a natureza e, nesta medida, podemos fazer uma interpenetração do tema por uma perspectiva ecológica. Uma das causas apontadas para AIDS é o desequilíbrio entre o homem (ser natural, um organismo) e sua conduta em relação ao corpo e, aqui, não se restringe somente aos dependentes de drogas, mas também às práticas sexuais e à química alimentar de nossos tempos. Tomada a natureza como divina, a relação está entre o homem e o meio em que vive. Esse meio pode ter uma ordem dada a qual o homem pode “escapar”, contudo essa fuga não pode se dar em excesso — em grego *hybris* que também significa: orgulho, insolência: ultraje, insulto — o que aproxima (tanto o texto bíblico como o adaptado) da tragédia grega. Jó, numa certa medida, foi arrogante; talvez, como o homem moderno que a partir da máxima baconiana — *Saber é poder* — usa da natureza sem medida

e, muitas vezes, esse uso é tomado como justo. E quem dá a medida dessa justiça?

O homem quer ser soberano. Contudo, torna-se um tirano, pois impõe sua vontade privada sobre a ordem da natureza. Assim, aquele que mediante o súdito deveria ouvir, grita. Destoando do antigo ideal de governante: aquele que antes de mais nada serve aos governados. Nesta medida, o mais difícil é ser governante, pois a este cabe conhecer o princípio (*a ordem natural das coisas*) e por ela reger a si e aos outros. Contra os tiranos, mais cedo ou mais tarde, o povo se impõe. Semelhantemente se dá na relação homem-natureza.

Na realidade, a AIDS é a primeira relação metafórica que vem à cabeça para a doença do texto. Entretanto, esta (a doença) é a metáfora de todas as grandes epidemias, particularmente no momento em que se desconhece tanto o agente causador quanto a cura, ou seja, quando não se tem o porquê. Assim sendo, na relação homem-natureza, podemos incluir, hoje, não só a AIDS, mas também uma série de doenças ressurgentes: seja pela pobreza, seja pela resistência aos medicamentos, referentes dessa metáfora. Esse último fator (resistência aos medicamentos) é interessante na nossa relação, porque podemos dizer que estes velhos conhecidos da humanidade (bactérias e vírus) estão recuperando o seu lugar (resistindo aos medicamentos), a sua ordem. O que é o corpo humano para uma bactéria ou um vírus? Um mundo, um *cosmos*, uma ordenação. Ao serem ingeridos<sup>9</sup> pelo organismo humano, esses microrganismos engendram uma desordem em nosso corpo-*cosmos* assim como nós provocamos na terra-corpo<sup>10</sup>. Na expressão *campo/corpo* que encontramos na fala do mestre<sup>11</sup>, podemos ver a relação corpo/terra, homem/natureza.

JÓ

Em meu corpo/campo o Mal  
semeou e cultivou com esmero  
o grão da doença, a peste, e as  
raízes do meu desespero

E nesta minha pele, vejam,  
brotam feridas tal como a terra é  
rompida pela força da erva  
daninha!

Da planta do meu pé ao cume da  
minha cabeça

Chagas deitam raízes e florescem  
flores malditas  
de sangue e de dor

Deus... afasta de mim o Maldito  
lavrador!<sup>12</sup>

Interessante como a adaptação termina:

As raízes de Deus perfuram  
os seus músculos  
E Suas garras partem os seus  
ossos  
Em tua carne  
Verás a Deus!<sup>13</sup>

Esta fala final recupera a questão da presença ou não de Deus. Ao

tomarmos apenas o texto adaptado, este não assegura que Jó, assim como na Bíblia, tenha reencontrado Deus. Na linha de raciocínio que ver Deus significaria reconhecer sua efemeridade (do homem) no estar no mundo; ou ainda, na relação soberano-tirano, ser consciente de que seu domínio sobre a natureza tem limites e se ele não respeitar esses limites, será trucidado por ela.

Temos, nesta interpretação, a retomada do ideal grego de harmonia<sup>14</sup> e de princípios trágicos. Para reforçar esta idéia tomemos os apontamentos de aulas do professor Marcos José Müller<sup>15</sup>:

Contrariamente aos primeiros gregos, para quem a vida era muito mais cantada como pórtico da beleza, para os tragediógrafos, o sofrimento e a morte carregam consigo um elemento belo, que reside justamente no fato de eles (o sofrimento e a morte) revelarem aquilo que de realmente bom (útil) existe para o homem. Apesar desse caráter pessimista, a tragédia traz um elemento de superação, de reconciliação do homem para com o saber prático, para com o bem. Através das agruras e acidentes (reversos da fortuna) do cotidiano, o homem passa a conhecer seu verdadeiro destino (o que realmente lhe é útil). Para tanto, ele deve reconhecer (e nisso a ciência pode ajudar) os sinais que seu cotidiano revela acerca da verdadeira natureza de sua vida. O BELO HOMEM é aquele, por fim, capaz de realizar tal compreensão e, portanto, capaz de superar e triunfar sobre o trágico, reconhecendo nele a manifestação do que verdadeiramente é útil (bom). Percebe-se então o caráter eminentemente moral associado ao conceito de beleza: KALOKAGATHÍA<sup>16</sup>.

Esta visão repõe o elemento propedêutico do teatro, esquecido em nossos dias, e a concepção aristotélica acerca da tragédia, de "que, suscitando o "terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções"<sup>17</sup>. Mesmo nos relatos daqueles que viram a peça encontramos falas do tipo: "Em certo momento me senti angustiado; Era muito forte; Muito sofrimento; Deixa a gente um pouco deprimido..." Esse impacto estético, produzido pela interação de elementos visuais, auditivos e olfativos muito fortes pode produzir no sujeito uma *catarse*. Entretanto, não é todo o espectador que chegará a uma elaboração intelectual desse *processo catártico*, muitos permanecerão no estágio meramente sentimental (dos sentidos, recuperando o significado grego da palavra *aisthesis*). Mesmo esse primeiro estágio é uma possibilidade de gerir algo de novo no sujeito. O sofrimento é tomado não como uma fatalidade, mas na função de uma pedagogia. Assim como Édipo, em seus últimos dias, encontra-se sereno, apesar de seus sofrimentos; o Jó da adaptação reencontra a tranqüilidade na morte. E, mesmo no texto bíblico, encontramos este sentido, conforme o resumo apresentado no início, que ora recuperamos:

Portanto, o problema do sofrimento não é resolvido totalmente. Cumpriria ao homem a satisfatória solução que lhe seria dada pela voluntária paixão e morte de Jesus Cristo; só então é que a mente humana poderia descobrir o sentido divino e eterno do sofrimento e tirar dele não só a conformidade com os decretos divinos, mas ainda a verdadeira paz e as consolações celestiais<sup>18</sup>.

Por séculos, o *Velho Testamento* foi interpretado pelos cristãos como alegoria do *Novo Testamento*. Desta forma, o sofrimento de Jó é um prenúncio do sofrimento de Cristo que, por sua vez, veio ao mundo para redimir os

homens, purgá-los, poderíamos assim dizer. Ao tomarmos, ainda, os relatos dos espectadores verificamos que na cena final há uma luz na sala de cirurgia, incidindo de cima para baixo, diretamente em Jó, no momento final: sua morte. Esta luz pode ser a metáfora de Deus, do conhecimento absoluto.

O que recuperaria um conteúdo mítico, o qual, no texto adaptado, pelo menos no nosso ponto de vista, não fica muito claro. Esse caráter místico repõe a religiosidade: o *religare*, ligar novamente. O que levaria à outras possibilidades interpretativas.

Cabe frisar que nossa interpretação tem como base, muito mais, o texto adaptado do que sua representação, a qual não podemos ter o prazer de assistir, o que talvez ponha nosso texto em contradição à representação. Porém, em nossa defesa temos a dizer que, partimos da adaptação e, desta textualidade é que emanam as possibilidades interpretativas, rapidamente aludidas. Evidentemente, privilegiamos alguns temas como: a morte de Deus e a relação homem-natureza; além de uma leitura filtrada por olhares gregos e uma perspectiva existencialista.

#### Notas

1. "No sofrimento, o conhecimento"; ou ainda "experiência dá sapiência".
2. Cf., p. 29-30.
3. *Bíblia Sagrada, Introdução*, p. 29.
4. Cf., p. 01.
5. Cf. p. 29.
6. Cf., Luis Alberto de Abreu, *O Livro de Jó*, p. 01. Nosso grifo serve para destacar as passagens que indicam, com mais ênfase, o problema da temporalidade.
7. Cf., *Mito e Realidade*, p. 22.

8. *Jó*, 38, 1-11.

9. Em alguns casos não há ingestão, mas um penetrar por parte do microrganismo.

10. Esta comparação, micro-macro, lembra o conceito de semelhança, utilizado no pensamento renascentista.

11. Cf., Luis Alberto de Abreu, *O Livro de Jó*, p. 05.

12. *Ibid.*, *ibidem*.

13. p. 31.

14. Vamos brincar com as palavras. Em grego *viver em-harmonia com é symphoneo*, donde vem a nossa sinfonia: composta pelo prefixo *sym*: junto de e do radical *phoneo*, verbo: falar; ordenar, prescrever; ressoar; deste deriva o substantivo *phone*: som claro e forte; voz; faculdade ou uso da palavra; grito; som articulado; canto dos pássaros; som dos instrumentos; linguagem, idioma, dialeto; sentença; palavra, expressão. Para nós o que é uma sinfonia? Um conjunto variado e harmônico; vários instrumentos tocando, de modo que o resultado seja uma ordem sonora. Bela metáfora para a posição do homem no mundo. Ele é um instrumento dentro de uma orquestra sinfônica, e, como tal, deve tocar, orquestrar, em concordância com os outros instrumentos; caso contrário, este, porá à perder todo o recital.

15. Professor-assistente do Departamento de Filosofia, UFSC. Esses apontamentos das aulas de Estética, no curso de graduação em filosofia encontram-se em arquivo computadorizado do próprio professor ou em fotocópias que os alunos tiravam para acompanhar as aulas.

16. Καγαλογαθα: ser bom e belo.

17. Cf., *Poética*, 449 b 25-30. Trad. Eudoro de Souza.

18. Cf., pp. 29-30.